



APROXIMAÇÕES DA PEDAGOGIA DA ALTERNANCIA COM A ESCOLA NOVA

Alcione Nawroski - UFSC

Resumo: Este artigo procura versar sobre a Pedagogia da Alternância, um tema que vem tomando espaço no Brasil, principalmente nas últimas décadas, quando começa a se discutir a educação para os povos do campo. Esta proposta de educação chegou ao país na década de 60 no estado do Espírito Santo e hoje está presente nos mais diversos estados brasileiros. A partir de três estudos brasileiros realizados a nível de pós-graduação, este trabalho buscou identificar as perspectivas da Pedagogia da Alternância no Brasil, bem como verificar como vem realizando as suas práticas pedagógicas. Também procurou identificar em que contexto elas são aplicadas e aquilo que vem propor a educação da população que reside no meio rural. Levando em conta estes aspectos, verifica-se que esta proposta de educação vem contribuindo bastante à medida que se contrapõem a educação tradicional, e consegue despertar interesse pela escola aos filhos dos camponeses. A dinâmica de períodos alternados de estudo com o trabalho na propriedade também incentiva a participação da família que por meio da vida que levam na propriedade, também podem estar colaborando na elaboração de novos conhecimentos. E por fim, estudos apontam que a Pedagogia da Alternância ainda carece de mais pesquisas capazes de possibilitarem maiores reflexões com vistas a qualificação do seu trabalho.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; Educação; Educação do Campo.

A Pedagogia da Alternância surgiu em meio a um grupo de camponeses no interior da França que procuravam fomentar uma estratégia de escolarização capaz de manter os filhos vinculados à família e à propriedade. Dessa forma, surge como uma proposta pedagógica a alternância de estudos na tentativa de ser uma proposta de educação mobilizadora, capaz de incentivar os jovens a irem à escola, sem terem que deixar o campo e a família. A Pedagogia da Alternância, a que chamo de uma proposta pedagógica está sendo bastante discutida na medida em que vem tomando proporcionalidade dado os vários projetos de educação do campo que vem ocorrendo nos últimos anos.

A educação do campo ganhou expressão nas últimas décadas, não é mais um ensino pautado na educação rural vigente até a pós-ditadura no Brasil. Até a década de 80, presenciávamos uma escola rural baseada no ruralismo pedagógico que se instaurou no Brasil no início da República, fim do século XIX e início do século XX. Foi uma medida de educação ampliada nacionalmente a partir do princípio da formação do camponês e que por meio do processo educacional seria possível a sua fixação no campo, no seu local de origem. O movimento surgiu a partir da grande onda de imigração estrangeira que começava a se

concentrar nos grandes centros urbanos brasileiros proporcionada e estimulada pelo início da industrialização e urbanização do país.

Com a chegada de uma proposta de educação do campo impulsionada pelos movimentos sociais e também por outras entidades da sociedade civil, sejam religiosas ou educacionais, a Pedagogia da Alternância aparece como uma alternativa de não destruir o contato dos estudantes com o campo. No entanto, vale salientar que a proposta de Educação do Campo não tem a mesma pretensão do ruralismo pedagógico, ou seja, da fixação do homem no campo. É importante destacar que a Pedagogia da Alternância se consolidou numa proposta de educação para a escolarização de jovens do campo na década de 30 na França, mesmo período em que começa a se fazer uma forte crítica a escola tradicional pelo movimento da Escola Nova.

Segundo Gimonet, um dos principais autores que discute esta temática “a Pedagogia da Alternância surge primeiramente na prática para depois ser sistematizadas pela teoria” (GIMONET, 2007). Tomando como ponto de partida a prática, busco aprofundar mais sobre a sistematização da Pedagogia da Alternância nas propostas de educação do campo ocorridas no Brasil. Levando em conta a importância da Pedagogia da Alternância para a Educação do Campo, este artigo buscou conhecer mais desta proposta pedagógica a partir de três trabalhos de grande relevância no Brasil. São os seguintes:

1º) Dissertação de Paolo Nosella - com o título, “Uma Nova Educação para o Meio Rural – sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo”, foi realizado na PUC/SP, no Departamento de Filosofia da Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Dermeval Saviani, defendida em 1977.

2º) Tese de Lourdes Helena da Silva - com o título, “As Representações Sociais da Relação Educativa Escola-Família no Universo das Experiências Brasileiras de Formação em Alternância”, realizada na PUC/SP, no Departamento de Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dr. Maria Laura P. Barbosa Franco, defendida em 2000.

3º) Tese de João Batista Pereira de Queiroz - com o título, “Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil - Ensino Médio e Educação Profissional”, realizado na UNB, no Departamento de Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Yves Chaloult, defendida em 2004.

O trabalho de Paolo Nosella foi a primeira dissertação de mestrado defendida sobre a temática em 1977 na academia brasileira e serviu de referência aos demais pesquisadores. Os

trabalhos de Lourdes Helena da Silva e João Batista Pereira de Queiroz são duas teses de doutoramento defendidas na atual década e serviram de base para a fundamentação de alguns documentos, entre eles o “Parecer CNE/CEB nº1/2006”, que regulamenta sobre os “Dias Letivos para aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA)”. As pesquisas também foram fundamentais na implantação de projetos governamentais posteriormente elaborados pelo atual governo, entre eles a proposta da alternância para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Brasil (Procampo), Programa Nacional da Reforma Agrária (Pronea) e o Projovem Campo – Saberes da Terra.

As pesquisas escolhidas apresentam os seguintes objetivos de estudo:

Tabela 1 - Objetivos dos trabalhos

Autores	Paolo Nosella	Lourdes Helena da Silva	João Batista Pereira de Queiroz
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> * Sistematizar, histórica e metodologicamente, uma experiência educacional que vem sendo realizada no Espírito Santo de forma bastante assistemática; * Localizar, caracterizar e analisar os problemas fundamentais da mesma experiência, explicitando as possíveis contradições e possibilidades; * Preparar o terreno para uma pesquisa de avaliação equipada com métodos e técnicas de pesquisa objetiva e exatos; * Fornecer aos integrantes da própria experiência um instrumento de reflexão para uma reformulação de sua ideologia educacional; * Fornecer aos de fora da experiência um instrumento de conhecimento crítico sobre uma experiência educacional original e pioneira no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> * Compreender o fenômeno da relação educativa escola-família implementada no âmbito das experiências educativas em alternância; * Identificar as representações dos diferentes atores sociais a propósito da alternância, do seu respectivo papel neste processo de formação, assim como o papel dos seus parceiros e de suas relações. 	<ul style="list-style-type: none"> * Pesquisar a relação entre Educação e Agricultura Familiar a partir da Escola Família Agrícola (EFA) que trabalha com a Pedagogia da Alternância possibilitando o conhecimento teórico e prático entre Educação e Agricultura Familiar.

Fonte: NAWROSKI, 2010.

Os trabalhos apontam para uma análise sistematizada da Pedagogia da Alternância a fim de compreender sua proposta educativa na escolarização daqueles que residem no campo. Enquanto que o primeiro trabalho se esforça para sistematizar a recente proposta chegada ao Brasil na década de 60; o segundo busca compreender as representações nas relações sociais

entre escola e família; e, o terceiro verifica a implantação desta proposta educacional no ensino médio e profissionalizante. Consta-se a partir destas três pesquisas de pós-graduação que os autores se reportaram as pesquisas estrangeiras, especialmente francesas e italianas para poder tornar seus estudos mais consistentes. A seguir veremos alguns pontos discutidos pelos três trabalhos:

- **As primeiras experiências de Pedagogia da Alternância no Brasil em Paolo Nosella**

A pesquisa de Nosella (1977) procurou sistematizar um estudo a partir dos primeiros materiais disponíveis sobre a Pedagogia da Alternância no Brasil, disponíveis a partir da implementação da primeira EFA no estado do Espírito Santo pelo Mepes (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo). Sua pesquisa buscou sistematizar e problematizar essa experiência que na década de 60, trazida da Itália parecia ser inovadora. Segundo Nosella (1977, p. 54), os conteúdos que a proposta pedagógica destacava era participação, igualdade, conscientização, democracia, fim da exploração entre as classes. Em relação aos objetivos, os mesmo constantemente retomavam conceitos de informação, crítica e participação. O autor conclui que o objetivo fundamental da Pedagogia da Alternância era a mudança social capacitando para o profissionalismo da agricultura a fim de evitar o êxodo rural procurando encontrar todas as possibilidades que o campo pode oferecer. E por fim, o autor admite que as Escolas-Famílias são profissionais e vocacionais a serviço dos jovens e adolescentes do meio rural.

Após situar a constituição organizativa e a estrutura física das primeiras EFAs no Brasil. Nosella (1977) levanta alguns questionamentos sobre como estas vem se consolidando na América Latina, em especial no Brasil e Argentina. A primeira questão que o autor levanta é sobre a experiência da Pedagogia da Alternância ser “na América Latina ou uma experiência da América Latina?” (Nosella, 1977, p. 79), (grifos do autor). Em seguida, o autor levanta outra questão: “Por que não nasceu ainda um estilo de filosofar, de educar na América Latina que seja da América Latina?” O autor aguça a questão mencionando que todo agir nasce de um certo “ego”, mas que ainda não se sabe qual é o ego da América Latina. E, então pergunta: “Será que a América Latina tem vergonha do seu verdadeiro ‘ego’, isto é, o do oprimido, o do pobre, de que teve uma história de colônia?” (Nosella, 1977, p. 79).

Ainda que timidamente, Nosella (1977) sinaliza como hipótese que a “Filosofia da Libertação” e a “Pedagogia do Oprimido” talvez sejam as primeiras palavras do “Ego” Latino

Americano ou não. Pois nas palavras do autor, “receia-se que também o Mepes possa tornar-se um belo discurso educacional” Assim como o título do livro publicado pelas EFAs argentinas: “Otra Escuela para a América Latina”, onde Nosella (1977) questiona: “Será ela também uma escola da América Latina?” Os questionamentos levantados por Nosella sinalizam as dificuldades da América Latina pensar por ela própria, sem recorrer as produções europeias, uma vez que a Pedagogia da Alternância também foi trazida de lá. E por fim, o próprio autor aponta que a obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire pode ser uma das obras mais originais da América Latina:

Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização” (FREIRE, 2005, p. 15).

O autor aborda questões de relevância para a educação a partir da realidade brasileira em que constantemente menciona o diálogo, a cooperação e a conscientização como formas de libertação do opressor. A luta do oprimido não pode ser uma luta individual, mas precisa acontecer no coletivo, “o opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles” (FREIRE, 2005, p. 40).

Logo, leva a supor que a população a quem a Pedagogia da Alternância é destinada é a classe oprimida que ainda não conseguiu se libertar. E como Nosella sinalizou, a Pedagogia da Alternância chegou ao Brasil para levar aos oprimidos a libertação pela educação, tendo em vista a precariedade das pessoas que viviam na região do Espírito Santo onde o Mepes passa a atender.

- **A representação das relações educativas entre a escola e a família por Lourdes Helena da Silva**

Em relação ao estudo de Silva (2000), a pesquisadora investiga as relações representacionais em uma EFA e uma CFR, onde no decorrer do seu trabalho são salientadas as diferenças entre ambas, principalmente no modo de organização dos conteúdos, tempos e espaços. Enquanto as EFAs priorizam a educação em relação ao trabalho, as CFRs priorizam o trabalho em relação à educação. Porém, ambas tem como princípio pedagógico a relação teoria e prática, escola e trabalho, não propriamente nesta ordem. Mas ambas, atuam metodologicamente pela alternância de tempos intercalados em tempo-escola e tempo-comunidade, onde cada qual organiza seu próprio cronograma.

No universo da experiência da Pedagogia da Alternância, a pesquisadora trata da aproximação do meio escolar com o meio familiar. O estudo procura identificar as representações sociais que os monitores, pais e alunos das EFAs e CFRs relatam sobre a alternância de estudos. A pesquisa também apresenta os respectivos papéis nesse processo de formação, os papéis dos outros autores e as relações existentes entre eles para verificar as convergências e divergências nas experiências realizadas pelas CEFFAs.

A autora privilegia uma pesquisa qualitativa utilizando entrevistas semi-estruturadas com monitores, pais e alunos. As entrevistas foram realizadas em torno de alguns temas orientadores como: 1) a vivência da alternância no meio familiar e escolar; 2) as relações entre os atores e 3) as finalidades da alternância. A pesquisadora também utilizou fontes documentais e produções acadêmicas sobre o tema para fundamentar o seu trabalho.

Silva (2000), identifica que enquanto as EFAs vieram povoar a região central do país, as CFRs vieram para a região nordeste e mais tarde para o sul do Brasil, onde conquistaram maior dimensão, principalmente nos estados do Paraná e Santa Catarina. Verifica-se pelas características regionais que as CEFFAs se instalaram em regiões fortemente caracterizadas pela agricultura familiar. Pois tanto a EFA do Espírito Santo, quanto a CFR de Santa Catarina que a pesquisadora investigou estão situadas em regiões povoadas por pequenos agricultores, onde os jovens têm mais dificuldade de acesso à educação e a uma formação profissional, fato que possibilita a implantação desta metodologia pelas CEFFAs nestas regiões. Pois, além dela solicitar a participação e contrapartida da família, o jovem permanece na propriedade parcialmente e assim os pais, que carecem de sua mão de obra nos afazeres da propriedade, não a perdem totalmente.

O estudo de Silva (2000), se mostra interessante à medida que identifica as representações que pais, monitores e jovens fazem sobre a Pedagogia da Alternância. O estudo mostra dados importantes como a valorização dos conteúdos técnicos voltados a agricultura em relação aos conteúdos, seja de relações humanas, sociais e culturais. A valorização dos saberes do monitor em detrimento aos saberes do jovem e da família, e a dificuldade do jovem em levar o conhecimento até a família e poder por em prática aquilo que aprende na escola.

- **A escolarização dos jovens do campo pela Pedagogia da Alternância por João Batista de Queiroz**

A pesquisa de Queiroz (2004) busca em Paulo Freire, Antonio Gramsci e Pistrak a fundamentação teórica e afirma em Freire que o rompimento da educação bancária instiga a ascensão de educadores humanistas, revolucionários e companheiros. Em Gramsci, busca elementos para comprovar que a educação unida à instrução permite a construção de uma escola unitária, quando realizada na medida em que Pistrak sugere, por educadores militantes que atuam no e pelo coletivo.

Queiroz (2004), aponta alguns desafios da Pedagogia da Alternância, tais como a formação dos monitores, onde entre professores e monitores, somente 49% participam de uma formação em Pedagogia da Alternância. A certificação dos cursos das CEFFAs nem sempre é reconhecido. E, a pouca habilidade em se apropriar e utilizar os instrumentos pedagógicos, onde o pesquisador identifica que nem sempre as EFAs trabalham com o plano de estudo; o projeto profissional do jovem que nem sempre este consegue construir e implementar em tempo hábil. A realização de poucas visitas às famílias, impossibilitadas pela distância em que os jovens residem, com as más condições de acesso, falta de monitores e recursos econômicos necessários ao deslocamento até as propriedades.

A distorção idade-séries também é bastante presente nas CEFFAs, onde 80% dos jovens pesquisados concluíram o ensino médio após os 18 anos, o que revela que os jovens já ingressaram no ensino médio tardiamente. Para o pesquisador este fato comprova as poucas possibilidades dos jovens do campo de poderem cursar o ensino médio e mais tarde também verifica a pouca oferta de ensino superior aos mesmos. A desigualdade de gênero também é bastante acentuada, onde na pesquisa de Queiroz (2004), 77% dos jovens são do sexo masculino e apenas 23% do sexo feminino.

Entre os vários desafios apontados por Queiroz (2004), ao final de sua pesquisa, o autor destaca que a escolarização das EFAs visa suprir uma defasagem que até a década de 90 não vinha sendo atendida, isto é, o ensino médio era praticamente inexistente no campo. Neste sentido a Pedagogia da Alternância conseguiu unir a educação escolar com a educação técnico-profissional para o campo. Para Queiroz:

As EFAs de EM e EP estão sendo desafiadas a serem críticas, audaciosas, criativas e propositivas com relação ao meio rural e sobretudo com relação à agricultura familiar. Estão sendo desafiadas a investir mais na pesquisa, no estudo, na socialização de conhecimentos vividos e sistematizados, tornando-se assim de certa maneira o Centro de Formação dos Agricultores Familiares. E por isso a Pedagogia da Alternância é um meio ideal. (...) superar as práticas estritamente escolares, tradicionais e tronar-se centros educativos dinamizadores do meio rural (QUEIROZ, 2004, p. 171).

Esta passagem de Queiroz sinaliza que a Pedagogia da Alternância precisa ser dinâmica e audaciosa a fim de superar a educação tradicional. A crítica a educação tradicional remete a proposta de educação da Escola Nova, onde a mesma cita que os principais desafios da educação estão em pensar uma escola nova ou progressista sem se deter nos trabalhos da educação tradicional. Na Escola Tradicional, o centro e a base das escolas são os professores e não os estudantes, ou seja, existia uma completa dependência dos segundos em relação aos primeiros. São práticas vistas desde a organização das salas de aula, preparadas para impor uma ordem em que os alunos ouvem o professor, escrevem e fazem apontamentos. São inexistentes os espaços que permitem os alunos inquirir, criar e construir.

Algumas percepções pedagógicas sobre a Pedagogia da Alternância

Após a Escola Tradicional ser criticada pela Escola Nova, esta vem para se consagrar à medida que consegue se contrapor aos antigos métodos de ensino. No período em que a Escola Nova se consagra, surge a Pedagogia da Alternância. Por isso, verificamos que existem aproximações de concepções entre as mesmas, principalmente no que se refere às práticas pedagógicas. A proposta da Pedagogia da Alternância nasce na França como *Maison Familiale Rurale* (MFR) ou Casa Familiar Rural, no ano de 1935, na comunidade de Sérignac-Peboudou, em Lot-et-Garone:

(...) da insatisfação dos agricultores e de seus filhos com o sistema educacional da época, considerado pouco atrativo para o meio rural. A nova proposta tinha por objetivo oferecer aos jovens uma formação alternativa de acordo com sua realidade, que possibilitasse além de um aprendizado teórico-prático, a motivação para os estudos e recuperasse a sua auto-estima (ESTEVAM, 2001, p.31).

Segundo dados históricos, esta pedagogia nasceu num cotidiano de simplicidade, na ocasião em que o filho de um agricultor não quer ir mais à escola. E, perante isso, pensa no quê fazer, quando então surge o encontro com o vigário na beira da estrada e diante deste encontro, se resolve criar uma escola que não fique presa em quatro paredes. Mas, que permite articular os ensinamentos da escola com aqueles da vida cotidiana. Gimonet (2007) identifica essa relação de conhecimentos teóricos disponibilizados pela escola com os conhecimentos práticos da vida diária como uma pedagogia da complexidade, definindo como complexa a relação: escola - comunidade.

Nos estudos de Gimonet (2007), o autor cita algumas referenciais da Escola Nova como aparece abaixo. A preocupação inicial da Pedagogia da Alternância em ser uma

alternativa aos jovens do campo leva esta a pensar em novas práticas de educação auxiliadas pela Escola Nova, como confere:

Pode-se notar os empréstimos, antes de tudo, das correntes da pedagogia ativa com Decroly e seu método dos —centros de interesse, R. Cousinet e o trabalho livre em grupos, J. Dewey e a relação entre experiência e educação, C. Freinet e o texto livre ou a biblioteca de trabalho, M. Montessori, mas, também, as orientações de Steiner, da Escola Alsaciana... Depois, mais tarde, os aportes de J. Piaget, como indicado anteriormente, C. Rogers, B. Schwartz.... mas, também, P. Freire e A Educação como prática da liberdade, pelos seus métodos de alfabetização (GIMONET, 2007. p. 23-24) (grifo meu).

A consolidação da Pedagogia da Alternância num mesmo período em que há um forte movimento das idéias de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação leva a evidenciar as proximidades de concepções entre a Escola Nova e a Pedagogia da Alternância que então começava a se consolidar em território francês. Podemos afirmar isso levando em conta que o escolanovismo surgiu para contestar os tradicionais meios de fazer educação e propiciava a pensar em outras metodologias e técnicas de educação, diferentes daquelas ancoradas na Escola Tradicional, e que então passaram a ser contestadas. E Gimonet (2007) complementa que, a Pedagogia da Alternância passa, a partir de 1935, a ser lançada como uma metodologia inovadora para as práticas de educação do campo.

A proposta da alternância de estudos visa à participação dos alunos durante um período, nos três períodos do dia no regime de internato. No período seguinte, de volta ao convívio com a família, o estudante realiza as atividades próprias da unidade produtiva trocando experiências e fazendo a associação do conhecimento científico com o conhecimento popular, de forma que a construção de conhecimentos ocorra em ambientes alternados. O confronto do conhecimento científico com os saberes populares é norteado pelos instrumentos pedagógicos identificados por Queiroz (2004, p. 48) da seguinte forma: plano de formação, plano de estudo, caderno da realidade, caderno didático, visitas de estudo, intervenções externas, estágios, caderno de acompanhamento, projeto profissional do jovem, visitas as famílias e avaliação. São conhecidos como instrumentos pedagógicos que possibilitam implementar a Pedagogia da Alternância nos mais diversos contextos de escola, seja no ensino médio ou nas graduações de educação do campo.

A respeito da Pedagogia da Alternância e Educação do Campo no Brasil, o artigo de (TEIXEIRA, BERNARTT, TRINDADE. 2008), aponta que a Pedagogia da Alternância é identificada como uma alternativa bastante adequada a Educação do Campo. Entre as várias constatações que o trabalho referencia, salienta que a estrutura de todas as pesquisas realizadas posteriormente a década de 70, seguem a primeira dissertação realizada no Brasil

por Paolo Nosella em 1977, e que se constituiu como referência para os demais estudos. Entretanto, para todos os trabalhos posteriores podem ser caracterizados como trabalhos descritivos e/ou contemplativos, sem discutir com maior aprofundamento os pressupostos teórico-metodológicos que dão sustentação a constituição da Pedagogia da Alternância como uma proposta metodológica de educação.

O texto mostra ainda que embora a Pedagogia da Alternância tenha chegado ao Brasil em 1969, o primeiro trabalho acadêmico surgiu somente oito anos depois. Até 2000, foram realizadas apenas pesquisas acadêmicas esparsas e intercaladas sobre o tema. A partir daí aumentou significativamente o número de estudos em torno desta temática. A produção de teses e dissertações quadruplicaram entre os anos de 2000 e 2006.

O conceito de alternância, que se tornou uma das razões de ser do movimento das *Maisons Familiales Rurales* na França e no mundo, ainda é um conceito ausente no glossário das ciências da educação na sociedade brasileira. Um levantamento dos estudos e produções teóricas realizadas em nossa sociedade sobre essa temática revela-nos a existência dessa lacuna na área educacional. Apesar das experiências brasileiras não serem tão recentes como possa parecer em um primeiro momento, elas ainda não se tornaram objeto de reflexões e produções acadêmicas, sistemáticas e contínuas, de maneira a contribuírem para a compreensão de sua natureza e das características do projeto político-pedagógico que vem sendo construído em nossa sociedade, assim como das práticas educativas que vem sendo desenvolvidas em seu interior (QUEIROZ E SILVA, 2007, p. 99).

Algumas Considerações

A partir destes três estudos verificamos que a Pedagogia da Alternância vem para o Brasil a partir da igreja quando a mesma procura instituir pelo Mepes a primeira Escola Família Agrícola. Neste momento, pelos estudos de Nosella constata-se que há uma preocupação quanto à formação dos monitores que irão trabalhar com esta proposta pedagógica. O autor ainda demonstra grande preocupação quanto às questões políticas de instituição da Pedagogia da Alternância na América Latina, uma vez que pode ser uma simples transposição da Europa. Nos dois estudos posteriores, verificamos que mesmo apresentando problemas como a alta rotatividade de monitores, o pouco reconhecimento dos órgãos públicos quanto a sua institucionalização, é uma proposta de educação que proporciona aos jovens do campo a continuidade dos estudos. A alternância de tempos e os instrumentos utilizados na sua proposta como o plano de estudos e a visita dos monitores

ajuda a aproximar os pais da escola e estes também se reconhecerem neste espaço. Uma população que é descredenciada do direito a educação, e que a partir da conversa com os pais, do resgate histórico da propriedade os pais conseguem compreender que a sua palavra também é carregada de conhecimento.

Enquanto que o Estudo de Nosella demonstra uma preocupação com a classe trabalhadora no acesso a educação, o estudo de Silva retrata como esta educação se dá entre os jovens e a família e por fim o estudo de Queiroz aponta a necessidade de um aprofundamento da Pedagogia da Alternância no que tange as praticas pedagógicas, uma vez que elas tem grande proximidade com a Escola Nova. Logo, é preciso fazer uma leitura mais criteriosa quanto às praticas pedagógicas na Escola Nova, que vem para abolir com as tradicionais formas de fazer educação, e assim poder qualificar as praticas da Pedagogia da Alternância.

Ao abordar este tema de pesquisa, verificamos pelo seu contexto histórico, que a Pedagogia da Alternância ao propor uma dinâmica diferenciada surge para beneficiar de educação às populações do meio rural, aquelas que historicamente foram menos contempladas pelo direito à educação. Desde sua origem a alternância de tempos de estudo com as vivências práticas do campo possibilita que os jovens não deixem a propriedade dos pais para poder estudar. Também viabiliza o deslocamento daqueles jovens que ficam um período em regime de internato, uma vez que mesmo morando longe não fazem o trajeto todos os dias para chegar até a escola, além de propiciar a vivência coletiva com outros jovens. Percebe-se que esta proposta se apresenta como uma alternativa aos jovens que querem dar continuidade aos estudos e permanecerem no campo. E, onde as Casas Familiares Rurais (CFR) e Escolas Família Agrícola (EFA), são às vezes, as únicas alternativas à escolarização, em especial dos jovens que buscam na escolarização melhorias na qualidade de suas vidas sem ter que necessariamente deixar o campo.

O crescimento desenfreado da capitalização da agricultura no Brasil acentuada na década de 70 gerou impulsos negativos aos agricultores, decorrido da maximização do capital sem levar em conta os impactos degenerativos que se instalavam no campo. Em confronto a esta situação, o Brasil desde a década de 60, inicialmente pela igreja católica a exemplo do Mepes vem desenvolvendo medidas educativas auxiliadas pela alternância de estudos como formas de organizar propostas de sustentabilidade agrícola que começam a ser discutida, entre as quais podemos citar o Movimento da Educação do Campo.

Estevam (2001), Silva (2003) e Queiroz (2004), citam que as propostas de educação dos CEFFAs são bastante voltadas na identificação com as diversas políticas públicas que promovem a sustentabilidade da agricultura no campo. Desta forma, ela é integrada a educação do campo envolvida com as especificidades do meio ao qual estão inseridos os agricultores familiares, meeiros, indígenas, assentados e remanescentes de quilombolas. Pois cada vez mais, as mais diversas organizações sentem a necessidade da educação ser um dos elementos fundantes de uma sociedade mais sustentável como Zamberlan (1995) enfatizou.

Com o intuito de minimizar a realidade excludente do campo imposta pelo modo de produção capitalista, a proposta da Pedagogia da Alternância instituída pelo Mepes e as primeiras CFRs no Brasil visava partir dos conhecimentos locais para propor uma agricultura mais sustentável, pela preservação da biodiversidade e também pela expansão das novas tecnologias no campo (ZAMBERLAN, 1995). Com isso, há a necessidade de recorrer a um nível mais elevado de escolarização, necessidade de maior abrangência dos cientistas e especialização dos técnicos.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel. Políticas de formação de educadores (as) do campo. In: **Revista Cedes – Educação do Campo**. v. 27, n. 72, maio/agosto. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Lei 9394 – LDB – **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CHATEAU, Jean. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

DAMASCENO, Maria Nobre. BEZERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 73-89, jan./abr. 2004.

DI GIORGI, Cristiano; **Escola Nova**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

ESTEVAM, Dimas; **A formação com base na Pedagogia de Alternância em Santa Catarina**. Florianópolis. 2001 – 181 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio econômico.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____; **Extensão ou Comunicação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____; **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIMONET, Jean Claude; **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: As casas familiares rurais de educação e de alternância. In: **UNEFAB, Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento**. Salvador, 1999.

LUZ, Deisy. M. R. da. **Casa Familiar Rural em Santa Catarina: contradições no encaminhamento político da proposta**. Florianópolis, 2002 – 108 f. Dissertação (mestrado) em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina.

MUNARIM, Antonio. Et al (org) **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010.

QUEIROZ; João Batista de. **Impactos da Alternância contados pelos sujeitos dos CEFFAs**. Revista Formação por Alternância, v. 2, p. 91-96, 2006.

_____. COSTA e SILVA; Virginia C. PACHECO; Zuleika. (ORG). **Pedagogia da Alternância: construindo a Educação do Campo**. Goiânia: Ed UCG. Brasília, Ed. Universa. 2006.

_____. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil** – ensino médio e educação profissional. Unb: DF. Tese de doutoramento, 2004.

REVISTA DA FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA. **União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil**. Ano 2, nº 4, Julho/2007.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, 1., 1999, Salvador – Ba. **Anais...** Salvador: UNEFAB, 1999.

SILVA, Lourdes Helena da; QUEIRÓS, João Batista de; Alternância: concepções e práticas no Brasil. In: **Formação de educadores em EJA no campo – compartilhando saberes**. (org). LENZI, Lúcia Helena Correa; CORD, Denise; Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

_____. **Os significados da docência na formação em alternância** – A perspectiva dos profissionais das escolas Família Agrícola. Caxambu/MG, n.02, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13> Acesso: 06 de junho de 2007.

_____. **A educação do campo em foco: avanços e perspectivas da Pedagogia da Alternância em Minas Gerais**. Caxambu/MG, n.03, 2005. Disponível em: www.anped.org.br/28/textos/GT03/GT03-475. Acesso: 03 de junho de 2007.

_____. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Viçosa: UFV, 2003.

SOUZA, Maria Antonia de; **Educação do Campo – propostas e práticas pedagógicas no MST**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves; **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão da literatura e perspectivas para a pesquisa**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v 34, n 2, p.227-242. Mai/ago. 2008.

ZAMBERLAN, Sérgio; **Pedagogia da Alternância**. Coleção Francisco Giusti, Gráfica Mansur Ltda, 1995.